REVISTA TXAI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS
E-ISSN: 2764-0612

A RECEPÇÃO MULTILÍNGUE DO TEATRO DE JEAN COCTEAU NO BRASIL

Wellington Júnio Costa[1]

RESUMO
Desde o balé *Le Dieu bleu*, apresentado no Rio de Janeiro em 1913, até uma montagem de *A voz humana*, por Eric Pedroso, na cidade de Belo Horizonte em 2025, a recepção da obra do dramaturgo francês Jean Cocteau no Brasil instiga por diversas razões. Dentre elas, pelo que diz respeito às línguas, já que o teatro coctaliano ocupou palcos brasileiros em português, francês, espanhol e italiano. Diante disso, este artigo propõe uma reflexão sobre essa recepção multilíngue, a partir da análise de dados coletados em periódicos da coleção da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, a qual revela uma presença constante do autor francês na imprensa brasileira ao longo de mais de um século (Costa, 2024) e confirma a força dessa obra, que atravessa fronteiras geográficas, culturais, linguísticas e de gênero.

PALAVRAS-CHAVE: Jean Cocteau; Teatro; Recepção; Multilinguismo.

THE MULTILINGUAL RECEPTION OF JEAN COCTEAU'S THEATER IN BRAZIL[2]

ABSTRACT
From the ballet *Le Dieu bleu*, performed in Rio de Janeiro in 1913, to a production of Eric Pedroso's rendition of *La Voix humaine* in the city of Belo Horizonte in 2025, the reception of French playwright Jean Cocteau's work in Brazil could be deemed as intriguing in several different ways. One of them regards its languages, since Cocteau's theater has occupied Brazilian stages in Portuguese, French, Spanish, and Italian. In light of this, this article offers a reflection on this multilingual reception based on the analysis of data collected from periodicals in the Brazilian National Library's Digital Newspaper Library collection [*Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional*], which reveals a constant presence of the French author in the Brazilian press for over a century (Costa, 2024), corroborating the significance and potency of his work, which transcends geographical, cultural, linguistic, and gender boundaries.

KEYWORDS: Jean Cocteau; Theater; Reception; Multilingualism.

LA RECEPCIÓN MULTILÍNGÜE DEL TEATRO DE JEAN COCTEAU EN BRASIL[3]

RESUMEN
Desde el ballet *Le Dieu bleu*, presentado en Río de Janeiro en 1913, hasta una escenificación de *A voz humana*, de Eric Pedroso, en la ciudad de Belo Horizonte en 2025, la recepción de la obra del dramaturgo francés Jean Cocteau en Brasil es fascinante por diversas razones. Entre ellas, en lo que se refiere a los

[1] Doutor em Letras pelo PPG-LETRA/USP, professor efetivo de Francês do curso de Letras Português-Francês e professor permanente do Mestrado Interdisciplinar em Cinema da UFS. E-mail: wellington.costa@academico.ufs.br.
[2] Expresso o meu agradecimento a Alessandro Palermo Funari pela versão em língua inglesa do resumo deste artigo.
[3] Expresso o meu agradecimento a João Paulo Santos Andrade pela versão em língua espanhola do resumo deste artigo.

idiomas, ya que el teatro coctaliano ocupó los escenarios brasileños en portugués, francés, español e italiano. Ante esto, este artículo propone una reflexión sobre esta recepción multilingüe, a partir del análisis de datos recolectados en revistas de la colección de la Hemeroteca Digital de la Biblioteca Nacional, que revela una presencia constante del autor francés en la prensa brasileña a lo largo de más de un siglo (Costa, 2024) y confirma la fuerza de esta obra, que atraviesa fronteras geográficas, culturales, lingüísticas y de género.

PALABRAS CLAVE: Jean Cocteau; Teatro; Recepción; Multilingüismo.

INTRODUÇÃO

O multilinguismo é um tema que se tornou bastante recorrente nas últimas décadas, por razões políticas estratégicas, e, embora seu conceito deva ser problematizado, conforme preconiza a professora Cristine Gorski Severo (2020), no âmbito deste artigo, o multilinguismo pode ser compreendido como a coexistência de diferentes sistemas linguísticos em um mesmo espaço geográfico oficialmente delimitado, ainda que o *status* de cada língua aí utilizada seja diverso. Segundo Eduardo Guimarães,

> [o] espaço de enunciação do Brasil tem suas particularidades. Nele funcionam o português, língua oficial e nacional e língua materna de grande maioria dos brasileiros, línguas indígenas, línguas de imigração, línguas de fronteira, e, mesmo que precariamente, línguas africanas (2005, p. 22).

Dentre as línguas de imigração em território brasileiro, Bolignini e Payer (2005) citam línguas asiáticas e europeias, como o espanhol e o italiano, mas não o francês. Se, por um lado, à língua de Molière não coube tal *status*, por outro, as relações França-Brasil, ao longo do século XX, permitiram uma grande difusão de autores franceses, neste país.

Por essa perspectiva e a partir de dados consultados na coleção de periódicos da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, abordo a obra do multiartista francês Jean Cocteau, nascido em 1889 e falecido em 1963, cuja presença na imprensa brasileira se pode verificar desde 1912, mas notadamente a partir da apresentação do balé *Le Dieu bleu*, no Rio de Janeiro, em 1913, até os dias atuais (COSTA, 2024). Um exemplo dessa "presença" são as muitas menções, em jornais e revistas, às variadas representações do célebre monólogo *A voz humana* (*La Voix humaine*), de 1930, obra que integra, juntamente com *O Pecado original* (*Les Parents terribles*), de 1938, e *O belo indiferente* (*Le Bel indifférent*), de 1940, o recorte aqui apresentado, ou seja, o da recepção multilíngue do teatro coctaliano no Brasil. Assim, nas três seções seguintes, trato respectivamente de cada uma dessas peças, antes de apresentar minhas considerações finais sobre o tema aqui proposto.

A VOZ HUMANA

Em 1930, a estreia parisiense de *La Voix humaine* foi notícia no jornal carioca *Diário da Noite*, com direito a uma ilustração do próprio dramaturgo, feita especialmente para a montagem da peça e representando sua única personagem em cena.

> Uma peça de Cocteau na Comédie Française! Nada de mais terrível poderia acontecer aos passadistas, àqueles que ainda choram quando ouvem Féraudy no Papá Lebonnard. Quatro horas da tarde. A austera sala da Comédie está repleta. Não é a mesma assistência que vai lá aplaudir Cécile Sorel, na Aventurière, ou Mary Marquet na Carrosse du Saint-Sacrement; é todo um mundo de artistas de avant-garde, pintores, escritores, escultores, pessoas em evidência na sociedade e no teatro, etc. [...] É todo um monólogo (ou um diálogo) ao telefone. [...] De súbito, ouve-se uma voz, na sala, que dirige um pesado insulto ao autor. Aplausos de uns, assobios de outros. [...] estabelece se a confusão. [...] Berthe Bovy, em cena, torna a pedir comunicação no telefone para falar ao seu amante. A peça termina entre aplausos e gritos. E foi assim que Jean Cocteau, o delicioso autor do Grand écart e do Bœuf sur le toit, foi recebido na Comédie Française. (Carvalho, 1930, p. 4).

Esse comentário confirma que o autor francês já era conhecido pela crítica brasileira e que a estreia de sua peça despertava interesse, mesmo antes de chegar ao Brasil. No ano seguinte, em apresentações no Rio de Janeiro, a declamadora argentina Berta Singerman incluiu no seu repertório o monólogo coctaliano, encenado em espanhol. A artista voltaria ao Brasil repetidas vezes, interpretando *La voz humana*, sempre em espanhol, mas somente a partir de 1935 o nome do tradutor Arturo Romay foi indicado nos anúncios da peça, que já havia sido ouvida em francês pelo público brasileiro, em 1933, por uma transmissão da Rádio Sociedade Guanabara, que levara ao ar uma gravação da atriz belga Berthe Bovy, primeira a interpretar o texto de Jean Cocteau. Desse modo, o já famoso monólogo inicia sua recepção multilíngue no Brasil.

Não por acaso, em 1937, em resposta a um inquérito do Ministério da Educação brasileiro, sobre as vinte obras de teatro estrangeiro de todos os tempos que deveriam ser traduzidas no país, o escritor Jorge de Lima indicou *A voz humana*, de Cocteau. (Verdadeiras..., 1937). Dois anos depois, no teatro Alhambra do Rio de Janeiro, a atriz brasileira Dulcina de Moares interpretou o papel da mulher abandonada que telefona ao seu ex-amante, pela primeira vez em português, com tradução de Bandeira Duarte, conforme anunciava a publicidade da peça, no *Jornal do Brasil*, no dia da estreia (Dulcina..., 1939). É curioso, no entanto, que em seu artigo publicado no *Diario da Noite* em 13 de março de 1947 e intitulado “Jean Cocteau no Brasil”, Bandeira Duarte não tenha feito referência à sua própria tradução de *A voz humana* e tenha dado *O pecado original* como a apresentação do teatro coctaliano ao público brasileiro (Duarte, 1947a, p. 6). De todo modo, em

maio de 1944, o monólogo de Cocteau fora, segundo Mag (1944, p. 8), "esplendidamente traduzido pela sra. Eugenia Álvaro Moreyra" e interpretado por Bibi Ferreira, na rádio PRA-2.

O mesmo monólogo, em sua versão francesa, inaugurou o Conservatório Teatral do P.E.N. Clube do Brasil e da Associação de Cultura Franco-Brasileira, no dia 9 de maio de 1941, com Henriette Risner-Morineau (Unindo..., 1941). A atriz repetiu o feito, em São Paulo, curiosamente, na inauguração do Teatro Brasileiro de Comédia, o T.B.C., em 1948 (Hoje..., 1948). No mesmo período, Berta Singerman fazia mais uma turnê no Brasil com *La voz humana*, na versão em língua espanhola de Arturo Romay (Amanhã..., 1948). O que corrobora a ideia de uma recepção multilíngue, pois a existência de uma tradução brasileira da peça não inibiu as apresentações de *A voz humana* nas línguas francesa e espanhola.

O sucesso dessa obra junto ao público brasileiro era notável, visto que, em 1950, Madalena Nicol a encenou no Teatro Royal de São Paulo (Silva, 1950) e, no início do ano seguinte, na televisão (Televisão..., 1951). Poucos meses depois, no mês maio de 1951, em uma nova turnê no Brasil, Berta Singerman interpretou, sempre em espanhol, o monólogo de Jean Cocteau (Teatros..., 1951), enquanto o Teatro Experimental da Juventude o apresentava em português, no auditório da Associação Brasileira de Imprensa (Noticiário..., 1951).

O teatro coctaliano, que havia, então, chegado às ondas do rádio e à televisão, também se fez presente como teste de seleção de atrizes brasileiras para uma produção cinematográfica internacional; as candidatas deviam interpretar um trecho de *A voz humana* (Machado; Penedo, 1951). Porém, o projeto do filme *Encontro no Rio* nunca se realizou.

Em 1953, ao menos três diferentes encenações brasileiras de *A voz humana* foram noticiadas nos jornais do país: interpretada por Madalena Nicol, no Teatro Santa Isabel do Recife (Últimas..., 1953), por Conceição Tavares, no Teatro da Faculdade Nacional de Filosofia, no Rio de Janeiro, no âmbito do laboratório experimental de teatro "Poliedro 33" (A voz..., 1953, p. 2) e por Dulce Rodrigues, no Teatro Copacabana (Netto, 1953). Dirigida por José Maria Monteiro, Dulce Rodrigues viveu a célebre personagem pela tradução de Bandeira Duarte, em um espetáculo que beneficiaria o Restaurante do Pequeno Trabalhador (Notícias..., 1953). Dois anos mais tarde, na *A voz humana* voltou a ecoar, pelo timbre de Terezinha Amayo, no programa *Vida e Fantasia* da rádio do Ministério da Educação, PRA-2, (Contrôle..., 1955).

Ainda na década de 1950, mais precisamente em 1956, "Tônia Carrero, interpretando *A voz humana*, de Cocteau, na TV-Tupi. Teve grandes momentos de interpretação, conseguindo prender

a atenção dos telespectadores, sozinha" (A melhor, 1956, p. 17); enquanto Amélia Carmen Machado, no mesmo papel, foi dirigida por Carlos Kroeber, do Teatro Experimental de Belo Horizonte (Fora..., 1956), que optara por uma nova tradução da peça, realizada por Laís Correia de Araujo (Com esforço..., 1956).

Nathália Timberg Também interpretou o monólogo coctaliano nos palcos de várias cidades brasileiras e na TV, no início dos anos 1960, quando a soprano Diva Pieranti apresentou, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, uma versão operística dessa obra, assinada por Francis Poulenc e Jean Cocteau (Barroso, 1962). Já no *Diário de Natal*, José Ricardo (1960), recomendava a gravação do monólogo por Ingrid Bergman, em inglês, acrescentando mais uma língua à recepção brasileira de *A voz humana*.

Segundo Costa (2022), mesmo depois da morte de Jean Cocteau, em 1963, *A voz humana* continuou a ecoar no Brasil, em espanhol, com o grupo de Teatro Dell'Ecuador, no II Festival Latino-Americano de Arte e Cultura, em 1989; em francês, no XVI Festival de Ópera do Theatro da Paz, em Belém do Pará, pela interpretação de Eliane Coelho, em 2017, mas também pela plataforma Youtube, como resultado do projeto de pesquisa *Leitura Dramática e FLE*, coordenado pelas professoras Maristela Gonçalves Sousa Machado e Fernanda Vieira Fernandes, da Universidade Federal de Pelotas, em 2021. Em português, as encenações dessa obra foram muitas. Entre outras tantas, com Norma Bengell no teatro, em 1982, e no cinema, em 1984; com Cláudia Ohana, em 2015; com Eric Pedroso, em Belo Horizonte, em 2025, o que atesta a força e a atualidade e aponta para certa universalidade desse monólogo quase centenário.

O PECADO ORIGINAL

Criada em 1938, a peça *Les Parents terribles* foi abordada pela imprensa brasileira, inicialmente, a partir de sua repercussão francesa, como ocorrera com *A voz humana*. Contudo, sua primeira montagem brasileira se deu somente na década seguinte, com o título *O pecado original* e seu anúncio trazia a equivocada chamada: "a primeira peça do famoso poeta Jean Cocteau, dada em nosso idioma" (O mundo..., 1947, p. 5). A tradução de Carlos Brant foi diversas vezes mencionada pela crítica, conforme os trechos abaixo:

> O pecado Original, de Jean Cocteau, que Carlos Brant traduziu tão admiravelmente, de levar Carlos Lacerda a dizer: "Nem parecia tradução. Tudo tão fluido, tão bem dito, numa linguagem harmoniosa e apropriada, como se tivesse sido pensado, arquitetado, escrito em português". (Magno, 1947, p. 11).

> Acresce que, neste momento, o público, em especial do Teatro Henriette Morineau, terá ensejo de apreciar o talento de Carlos Brant por mais uma brilhante faceta, a qual de exímio tradutor. Por determinação de lei (ou prescrição estatutária) não nos é permitido revelar que teve o distinto patrício e beletrista para coautor na elaboração dessa tradução (e de peça de grave responsabilidade) um outro espírito, igualmente de nota, elemento de destaque na nossa sociedade mundana, quanto da beletrista, e até dos meios científicos, o qual também foi o feliz arquiteto de finíssima produção teatral, que, breve, mui breve, será apresentada no Teatro Morineau. [...] A difícil tradução da peça de Cocteau porá mais uma vez à prova as qualidades, que ligeiramente aqui apontamos, do novel [sic] ator, autor, intérprete, tradutor Carlos Brant, que, a seguir, colherá palmas e justos louvores por ocasião de apresentar o seu momentoso conflito numa alma de mulher e atriz. E nenhum outro, melhor que ele com seu inseparável amigo Hélio [Rodrigues], poderia auscultar, escalpelar, espelhar, analisar, fazer palpitar uma "Atriz" que o bizarro idealista e apaixonado... por todas Elas! (Yanko, 1947, p. 6).

Na opinião do crítico Shakespeare Silva (1947, p. 2), "trazida para o português pelo Sr. Carlos Brant, a tragédia de Cocteau nada perdeu do seu brilho nem da sua originalidade." Martins da Fonseca, por sua vez, acrescentou à sua elogiosa crítica, três fotografias da peça e um trecho da segunda cena do terceiro ato, sem explicitar a autoria da tradução:

> Jorge: – Quem ouvir você falar vai pensar que nós somos descendentes de quem? Eu sou um inventor falhado. Você, uma doente que vive na sombra. Léonie, uma solteirona (ele hesita) que nos ajuda. É em nome disso tudo, de todo este desastre, de todo este vazio, de todo este desequilíbrio, que você recusa a Miguel a felicidade, o ar, o espaço? Não! Não! Eu me oponho a você.
> Léonie: – Muito bem, Jorge.
> Ivone: – Naturalmente! Jorge é um deus. É infalível.
> Léonie: – Eu o admiro.
> Ivone: – Tu o amas.
> Jorge: – Ivone!
> Ivone: – Que vocês se casem! E os outros dois também! Eu desaparecerei! Deixarei vocês livres! Nada de mais simples!
> Léonie: – Tu estás ficando louca!...
> Ivone: – Sim, Léonie, estou ficando louca. Mas não me queiram mal por isso.
> Léonie: – Eu não te quero mal.
> Ivone: – Obrigada. Eu te peço perdão.
> Léonie: – Outra vez as "desculpas" e os "perdões". Acabemos com isso. Escuta Ivone: se eu tivesse realmente "querido" Jorge, não te deixaria casar com ele. Teria encontrado algum pretexto. Agora é muito tarde para voltar atrás. Só existe um meio de reparar nossa ruína: é impedir a ruína de Miguel. É ouvir Jorge. É esclarecer Mik, é restituir-lhe a vida.
> Ivone: – É isso a vida?
> Jorge: – Sem dúvida alguma. Para que esperar tanto? Ivone!
> Ivone: – Madalena é tão nova!
> Léonie: – Como?
> Jorge: – Ela tem três anos mais que Miguel. Ontem você a achava tão velha...
> Ivone: – Ela é muito moça... comparada comigo.
> Jorge: – É fantástico!...
> Ivone: – Meu Mik! meu filho! ah não, não, não!
> Léonie: – Eu amo Jorge, Ivone. Mas tu, tu és louca por Mik e impedes a felicidade dele.
> Ivone: – É verdade. Eu amo Miguel. Eu o amo loucamente. Quem pode impedir uma mãe de amar loucamente seu filho? (Cocteau *apud* Fonseca, 1947, p. 35, 63).

Por esse trecho, percebe-se que o tradutor traduz os nomes das personagens por seus correspondentes em língua portuguesa, com exceção de "Léonie", que é mantido em francês, embora ao longo da peça Cocteau tenha usado o diminutivo "Léo", grafando "Léonie" apenas na indicação da distribuição dos papéis (Cocteau, 2003). Já Bandeira Duarte (1947b) apresentou, no *Diario da Noite*, sua tradução e um comentário do "primeiro prefácio" escrito por Cocteau para *Les parents terribles*.

Para além das traduções em língua portuguesa da peça e de seus paratextos, é preciso notar que essa obra, assim como *A voz humana*, foi apresentada ao público brasileiro também em outra língua. No mesmo ano de 1947, ela foi encenada em italiano pela Companhia Emma Grammatica, no Theatro Municipal de São Paulo, com o título "*I parenti terribili"* (Teatro..., 1947, p. 12), contribuindo, assim, para o multilinguismo da recepção brasileira do teatro coctaliano.

Várias capitais brasileiras como Recife (Teatros..., 19492) e Porto Alegre (Estreia..., 1949) foram contempladas pela turnê de Henriette Morineau, atriz francesa radicada no Brasil, tema de uma matéria de mais de cinco páginas da edição de maio de 1949 da revista mineira *Alterosa*. A matéria traz várias fotos da atriz em cena e legendas elogiosas: "Henriette Morineau numa das mais empolgantes cenas da notável peça de Cocteau *Pecado original* de que é figura central." (Sá, 1949, p. 37).

No ano seguinte, Jean Cocteau foi convidado a vir ao Brasil para assistir ao início de uma nova temporada, conforme anunciou o *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro:

> Deverá chegar hoje a esta capital o Senhor Jean Cocteau, uma das mais brilhantes e destacadas personalidades da literatura contemporânea da França, justamente admirado em todo o mundo pela sua obra de vigoroso dramaturgo. A visita do ilustre escritor ao Brasil prende-se ao convite especial que lhe foi feito, para assistir à première de sua peça *Les parents terribles*, que será levada à cena em tradução portuguesa sob o título *O pecado original*; todavia, o Sr. Jean Cocteau, a quem serão prestadas várias homenagens pelas figuras representativas de nossos meios sociais e intelectuais e instituições culturais, deverá permanecer alguns dias nesta capital. (Registro..., 1950, p. 7).

De fato, com tradução de Carlos Brant, a peça *O pecado original* foi encenada no Teatro Phoenix, pelos Artistas Unidos, liderados por Henriette Morineau, naquele mês de junho (Notícias... 1950), porém, contrariamente ao anunciado, o autor não compareceu à estreia. No mês seguinte, uma reportagem de Pedro Moliterno (1950, p. 12-13) sobre Morineau, revelou que Cocteau lhe havia oferecido um retrato seu com a seguinte dedicatória: "À ma chère interprète d'Yvonne de tout cœur Jean" [À minha cara intérprete de Yvonne de todo o coração Jean].

Em 1956, respondendo à questão: "Quais as obras publicadas na primeira metade do século [XX] que mereceriam ser colocadas na Arca de Noé, escolhida para sobreviver a um novo dilúvio?" Paulo Hecker Filho parece não ter hesitado a incluir Jean Cocteau na lista dos autores teatrais cuja obra merecia estar na hipotética arca, indicando as peças *Os pais terríveis*, *Os monstros sagrados* e *A máquina de escrever* (Hecker Filho, 1956, p. 6). O título da peça, assim como o título de sua adaptação cinematográfica, às vezes, se alternava entre a tradução literal "Os pais terríveis" e "O pecado original", mas também como *O erro dos pais*, em uma adaptação da tradução de Carlos Brant, realizada por Wanda Kosmos para o programa Grande Teatro Tupi, em 1961, com Laura Cardoso, Marcela Real, Suzana Vieira, Hamilton Fernandes e Luiz Gustavo no elenco (Jean..., 1961). Dois anos depois, o Canal 6 transmitiu a mesma peça com outro elenco: Henriette Morineau, Glauce Rocha e Sérgio Viotti (Salles, 1963).

Ainda em 1963, o Teatro de Comédia de Pernambuco, sob a direção de Graça Mello, montou *O pecado original* (O Pecado..., 1963). A obra também serviu à celebração dos 59 anos do Teatro Alberto Maranhão, de Natal (Providências..., 1963), o que sugere seu apreço pelo público potiguar, que a havia acolhido, dois anos antes, no 1º Encontro dos Diretores de Teatros do Norte Nordeste (Cinco..., 1961). Sobre ela, Jean Cocteau havia afirmado que "Escrevendo Os pais terríveis escrevi[a] uma tragédia, porém atingia a massa por meio de um ataque às ordens de uma burguesia decadente" (Cocteau, 1958, p. 9). Com efeito, o dramaturgo francês parece ter atingido a massa e atravessado fronteiras geográficas, linguísticas e culturais.

O BELO INDIFERENTE

Criado por Jean Cocteau para sua amiga Édith Piaf, o monólogo *Le Bel indifférent* (*O Belo indiferente*) estreou em Paris no dia 19 de abril de 1940. Dois meses depois, a companhia francesa do Théâtre du Vieux Colombier o apresentou, em francês, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro (Companhia..., 1940). Diferentemente de *A voz humana*, a nova peça não teve sucessivas montagens ao longo da década de estreia, mas voltou aos palcos dez anos depois, em português, com Beatriz Segall, quando esta atriz ainda assinava Beatriz Toledo (Vincent, 1950).

A partir de então, a sequência de encenações na década de 1950 sugere que o interesse do público brasileiro por essa obra era crescente: o grupo de Teatro Experimental do Pessoal da Caixa Econômica a apresentou no Teatro Serrador, em setembro de 1952 (R. V. M., 1952); o grupo Teatro Brasileiro da Juventude integrou ao seu repertório uma tradução de *O Belo indiferente*, realizada

por Matheus Fontoura em 1955 (Intérpretes..., 1955); no ano seguinte, o Teatro Experimental do Negro, por sua vez, encenou uma tradução de Graça Mello, interpretada por Léa Garcia (A alma..., 1956); ainda em 1956, Glauce Rocha viveu o papel criado para Édith Piaf, na tradução de Daniel Rocha, alcançando uma boa repercussão, desde o seu último ensaio.

> Fui ver Glauce Rocha no último ensaio de *Belo indiferente*, de Cocteau. E nos esperavam na calçada, apesar da chuva e do vento que transformavam a praça General Osório num cenário noturno que poderia ser do autor dos *Enfants terribles*, gente e coisas, que pareciam escapar à lei da gravidade como em certas cenas do filme *Orfeu*. Esboçavam, também, um princípio de bailado do qual, contudo, desistimos para assistir, no teatro, a outro espetáculo. (Corrêa, 1956, p. 6).

É preciso notar que, em seu relato, Roberto Alvim Corrêa evoca o Cocteau romancista e o Cocteau cineasta, enquanto o anúncio de *O Belo indiferente* trazia um desenho realizado pelo próprio dramaturgo francês, feito especialmente para o seu monólogo (Teatro..., 1956). Enfim, o espetáculo conquistou boas críticas, mas houve também a voz discordante de Sérgio Roberto: "Glauce Rocha tem excelente desempenho no teatro de bolso. Mas as peças (de Cocteau e José Maria Monteiro) são muito ruins" (Roberto, 1956, p. 50).

Em 1957, Dagmar Desterro interpretou *O Belo indiferente*, na cidade de São Luís do Maranhão (Jornal..., 1957). No ano seguinte, esse monólogo foi adaptado para o programa *Vitrine* da TV TUPI (Jean..., 1958). Em 1961, o grupo teatral Le Strapontin, da Casa da Cultura Francesa de São Paulo, apresentou *Le Bel indifférent*, em Curitiba (Jean..., 1961). Assim, o idioma de Jean Cocteau ressoou mais uma vez em palco brasileiro, mas, no ano seguinte, sua peça traduzida à língua portuguesa continuou a marcar presença, com a interpretação de Nathália Timberg, no Festival de Arte de Paquetá (Paquetá..., 1962), na capital paranaense (Natália..., 1962) e na cidade de Porto Alegre (Festival..., 1962). Até mesmo uma adaptação para a dança foi apresentada pela companhia de balé da Ópera de Paris no Rio de Janeiro e em São Paulo, em agosto daquele ano (Chegou..., 1962).

Uma versão "em castelhano" de *O Belo indiferente* foi encenada por Elsa Ruby Duplessis, em Porto Alegre, no ano de 1963 (Notas..., 1963). Em Curitiba, o mesmo monólogo voltou à cena, em português, com Rosinha Azevedo, do Teatro do Estudante do Paraná (Azevedo, 1963), e com Glauce Rocha, no ano seguinte (Modesto, 1964).

No Conservatório Nacional de Teatro, os alunos do curso de direção montaram *O Belo indiferente*, em junho de 1966 (Panorama... 1966). Não por acaso, Liliana Renata observaria, no ano seguinte, que no programa de Segundo Estágio do Serviço Nacional de Teatro havia três

monólogos de Jean Cocteau: *O Belo indiferente*, *Pela janela* e *A farsa do castelo* (Renata, 1967). Em Recife, Nathália Timberg fizera, em 1966, uma temporada com o espetáculo *O grito e o vazio*, composto de dois monólogos coctalianos traduzidos e adaptados por Silvan Paezzo: *A voz humana* e *O Belo indiferente* (Natália..., 1966). Leila Santos (Gente..., 1967), Leila Renato (Jafa, 1967a) e Esther Mellinger (Jafa, 1967b), interpretaram *O Belo indiferente*, respectivamente em setembro, outubro e novembro de 1967. As duas últimas encenações integraram o espetáculo intitulado *De madrugadas e solidões*, dirigido por Hélio Flávio.

Em 1975, na *Festa dos Estados*, realizada na cidade de Brasília, a atriz mato-grossense Glauce Rocha, falecida quatro anos antes, foi homenageada com o lançamento de um LP com a sua gravação de *O Belo indiferente* (Glauce..., 1975).

Na década de 1980, essa peça ainda chamava a atenção. Considerando-a capaz de suscitar discussões importantes, o grupo Teatro do Ornitorrinco decidiu montá-la, em 1984:

> Cocteau – homossexual assumido – costumava homenagear suas musas (Piaf, Bovy, Maria Casarès) com belos textos (*O belo indiferente*, *A voz humana*, entre outros), enquanto as divas brasileiras ficam à mingua (Fernanda Montenegro apega-se a *Petra Von Kant*, de Fassbinder, Marília Pera à *Senhorita Julia*, etc.) "Escolhemos esse texto de Cocteau justamente porque ele discute o papel da mulher na sociedade", revela o diretor Cacá Rosset. (Um texto..., 1984, p. 19).

Contudo, no ano seguinte, as apresentações da peça com Maria Alice Vergueiro, não convenceram os críticos. Segundo Macksen Luiz, "a montagem não é um melodrama, ainda que o texto o seja. Não é um espetáculo crítico, porque o material dramático não sustenta essa opção. Resta, então, uma sucessão de cenas que se tornam involuntariamente patéticas, sem unidade estilística." (Luiz, 1985b, p. 2). Wilson Cunha também foi bastante rígido em sua crítica:

> Criticando a personagem – a cantora decadente, alcoólatra, solitária, às voltas com seu homem –, estamos diante do antiespetáculo. Tolo e feio. Partindo para a superimpostação, *O belo indiferente* cai no grotesco de uma situação impossível. Diretora, tradutora, intérprete, Maria Alice Vergueiro mergulha de cabeça nesta terrivelmente equivocada montagem. (Cunha, 1985b, p. 74).

Essa recepção negativa parecia estar dirigida mais diretamente à montagem de Maria Alice Vergueiro que à obra de Jean Cocteau, pois dois anos mais tarde, quatro monólogos do dramaturgo francês – *O Belo indiferente*, *Lê o jornal*, *Perdi-a* e *Pela janela* – integraram uma coletânea de peças curtas, organizadas e traduzidas por Paulo Hecker Filho.

> Esses monólogos bem o representam, mas Cocteau é ainda maior que eles e decerto por isso escreveu com tal leveza. Suas peças normais, reencenadas, têm tido um impacto e um êxito que vêm deixando de boca aberta os eternos superadores, esse pessoal sempre a par que acompanhou, com deliciada censura, a vida de Cocteau, aventurosa até o escândalo e distraída pelas vaidades do mundo. Pensavam que se tratava apenas disso, e não, como fica cada vez mais claro, de um verdadeiro poeta em vários gêneros, mas em especial na cena. (Hecker Filho, 1987, p. 306).

Provavelmente, foi essa coletânea organizada por Hecker Filho que possibilitou à Companhia Sertaneja de Arte de Recife criar um espetáculo em que canções de Édith Piaf foram intercaladas com os quatro referidos monólogos de Cocteau, em uma homenagem pelo centenário de seu nascimento (Gouveia, 1989).

Uma curiosa chamada foi publicada no jornal *O Fluminense*, em 1990, para a "escolha do ator principal do espetáculo *O belo indiferente*, de Jean Cocteau. Poderão participar atores, manequins ou bailarinos, com beleza pra dar e vender." (Prestes, 1990, p. 7). De fato, com direção de Rubens Lima Junior e atuação de Edy Star e Wallace Buena, a peça *Cocteau 90 – O belo indiferente* entrou em cartaz no Teatro América um mês e meio depois da referida chamada (Em cartaz..., 1990). É preciso notar que Lima Junior trocou deliberadamente o gênero da personagem principal, apresentando uma adaptação do monologo para um contexto homoafetivo.

No entanto, foi à atriz Eliana Guilherme que *O Belo indiferente* rendeu prêmio, quando apresentado pelo programa SESC em Cena, em 1991, no Rio Grande do Sul, conforme atesta um artigo do jornal *O Pioneiro*, de Caxias do Sul:

> com este trabalho recebeu o prêmio de Melhor Atriz no *V Festival de Teatro de Pelotas* e indicação de Melhor Atriz no *Festival Gaúcho de Teatro Amador* em Jaguarão. A direção do espetáculo é de Joca D'Ávila e a direção musical de Giorgio Ronna. (SESC..., 1991, p. 1).

No Rio de Janeiro, no ano seguinte, a montagem de *O Belo indiferente* coube a profissionais mais experientes: a atriz Helena Ignez, o diretor Sylvio Dufrayer e o cenógrafo Hélio Eichbauer ("O Belo...", 1992, p. 9). Segundo Clara Elisabeth, da *Tribuna da Imprensa*,

> a escolha do autor francês foi motivada por uma forte admiração. A atriz o considera um autor "atual", cujos textos expressam uma "leveza profunda". [...] "Gosto muito das peças de Cocteau. Todo trabalho dele é marcado pela interação dos opostos: o homem e o espírito, o profundo e o aparente, o desejo e a indiferença". (Elisabeth, 1992, p. 6).

Em outubro do mesmo ano, a atriz e cantora Daniela De Carli subiu ao palco do Instituto Goethe de São Paulo, com uma adaptação de O *Belo indiferente*, em que o monólogo de Cocteau

se misturava com músicas de Chico Buarque, Cole Porter e Gershwin, em um espetáculo intitulado *Contra luz* (Albuquerque, 1992). Um mês depois, a publicação da tradução do monólogo coctaliano por Maria Cristina Moreira de Mello, publicada no número 140 dos *Cadernos de Teatro* do Tablado, foi digna de nota no *Jornal do Brasil* (Luiz, 1995).

Em 1997, *O Belo indiferente* foi, mais uma vez, encenado por um casal de homens, Frederico d'Amico e Roberto Reis, no Teatro Galeria, no Rio de Janeiro (Teatro..., 1997). Mas, a mais ousada adaptação desse monólogo de Jean Cocteau foi, muito provavelmente, a de Wagner Melo, encenada na cidade de Manaus, no Teatro Amazonas, em 2004.

> Um dos maiores sucessos do teatro mundial, redigido pelo consagrado escritor e poeta francês, Jean Cocteau, ganhou ares e cores caboclas, e será interpretado por artistas da terra [...], no Teatro Amazonas. O espetáculo *O belo indiferente*, adaptado do clássico monólogo *Le bel indifférent* [...] estreia sob a direção de Wagner Melo, que apresenta para o público local uma adaptação moderna e polêmica do texto escrito na década de 40, na França. Na montagem, idealizada e criada pelo ator e diretor Wagner Melo, a protagonista ganha nova identidade no mundo moderno, e encarna um [*sic*] travesti às voltas com uma relação problemática, por conta da indiferença do namorado. [...] No elenco está o próprio roteirista e diretor Wagner Melo, como protagonista do espetáculo. Ele considera esse trabalho como o clímax de sua carreira. (D'Araújo, 2004, p. 17).

Com efeito, ao colocar essa obra na perspectiva da transitoriedade de gênero, a potência dramática da personagem é atualizada e intensificada, embora o novo século ainda se interessasse por montagens menos arriscadas, como o espetáculo *Insensatez*, com os monólogos *A voz humana* e *O Belo indiferente*, interpretados por Miwa Yanagizawa, em 2002, no Teatro Sesc Copacabana, acompanhado de uma encenação de *As lágrimas amargas de Petra Von Kant*, de Rainer Werner Fassbinder e de uma exposição sobre a vida e a obra dos dois dramaturgos-cineastas (Exposição, 2002).

Se em 2006 *O Belo indiferente* serviu de base para a criação de um espetáculo sobre a vida da cantora Édith Piaf, montado pelo Grupo Experimental de Teatro UniSantos (Programe-se..., 2006, p. 1), em 2012, o monólogo coctaliano voltou aos palcos cariocas com Djin Sganzerla e Dirceu de Carvalho, dirigidos por André Guerreiro Lopes e Helena Ignez.

> Cocteau fala sobre uma mulher obcecada por um homem. Disseca a vida amorosa de um casal. É algo presente em todas as épocas", afirma Helena, justificando a decisão em ambientar a história nos dias de hoje. "Os personagens vivem no *bas-fond* de qualquer grande cidade do mundo", informa Helena. (Schenker, 2012, p. 4).

Assim, a peça de Jean Cocteau passa de mãe (Helena Ignez) para filha (Djin Sganzerla), com um intervalo de vinte anos, sem perder sua força e sua atualidade. Aliás, desde sua primeira

apresentação, em francês, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, passando por uma montagem em "castelhano", em Porto Alegre, e diversas adaptações em diferentes cidades, *O Belo indiferente* chega ao ano de 2025, encenado por Joselma Luchini, sob a direção de Jair Raso, no Teatro da Assembleia, em Belo Horizonte (Espetáculo..., 2025).

CONIDERAÇÕES FINAIS

Muito frequentemente se esquece que o Brasil é um país de muitas línguas, talvez pela diferença de *status* existente entre elas e pelo esforço histórico da consolidação do português como língua oficial e de integração e unificação do território nacional. Entretanto, o multilinguismo brasileiro se configura na vivência cotidiana das famílias indígenas, de ascendência africana, europeia ou asiática, mas também no campo das artes, como demonstrei neste artigo, pelo recorte da recepção do teatro coctaliano no Brasil.

Com efeito, *A voz humana* de Jean Cocteau ecoou nos palcos brasileiros, assim como no rádio, gravada em disco, na televisão e no cinema; primeiramente em espanhol, depois em francês, finalmente em português, mas também em inglês. As traduções brasileiras foram assinadas por Bandeira Duarte, Eugênia Álvaro Moreyra e Laís Correia de Araujo, entre outros.

O pecado original é outra obra do dramaturgo francês, a qual obteve considerável repercussão no Brasil e contribuiu para o multilinguismo de sua recepção ao ser encenada em italiano, além de suas montagens em língua portuguesa, pela comentada tradução de Carlos Brant. Ademais, é preciso lembrar que tal obra foi adaptada para o cinema pelo próprio Cocteau e exibida no Brasil em francês com legendas em português, como quase toda a sua cinematografia.

Por fim, em língua francesa, em "castelhano" ou em português, *O Belo indiferente* de Jean Cocteau atravessou oitenta e cinco anos de história, se adaptando aos palcos e públicos de todas as regiões do Brasil.

REFERÊNCIAS

"A ALMA que volta prá casa". **Imprensa Popular**, Rio de Janeiro, ano 9, n. 1703, p. 4, 5 jan. 1956.

ALBUQUERQUE, Dhynarte de Borba e. Um canto caxiense em São Paulo. **Folha de Hoje**, Caxias do Sul, ano 3, n. 930, 21 out. 1992. Folheto Cultura e Lazer, p. 3.

AMANHÃ, às 17h, último recital de Berta Singermann. **Diario da Noite,** Rio de Janeiro, ano 20, n. 4738, p. 9, 26 ago. 1948.

A MELHOR teleatriz. **Radiolândia**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 113, p. 17, 2 jun. 1956.

A VOZ humana. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, ano 23, n. 7352, 16 ago. 1953. 2ª Secção, p. 2.

AZEVEDO, Almir. Teatro. **A Noite**, Rio de Janeiro, ano 52, 17210, p. 6, 9 maio 1963.

BARROSO, Hestia R. Música. **A Noite**, Rio de Janeiro, ano 55, 17068, p. 6, 5 nov. 1962.

BOLIGNINI, C. Z.; PAYER, M. O. Línguas de imigrantes. *Ciência e Cultura*. São Paulo: SBPC, n. 2, v. 57, p. 42-46, abr.-jun. 2005. Disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000200014. Acesso em 18 nov. 2025.

CARVALHO, Victor de. Jean Cocteau na Comedie Française: A sensacional premiére de "La Voix humaine" e os "Surrealistes". **Diario da Noite**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 138, p. 4, 18 mar. 1930.

CHEGOU o Ballet da Ópera de Paris. **A Noite**, Rio de Janeiro, ano 51, 16094, p. 4, 1 ago. 1962.

CINCO dos melhores conjuntos amadoristas, no 1º Encontro. **Diario de Natal**, Natal, ano 21, n. 6393, p. 2, 9 ago. 1961.

COCTEAU, Jean. O prefácio de Cocteau á "Máquina de escrever". **Jornal do Dia**, Porto Alegre, ano 12, n. 3318, p. 9, 7 mar. 1958.

COCTEAU, Jean. **Théâtre complet**. Paris: NRF; Gallimard, 2003.

COM ESFORÇO e dedicação nasceu o "Teatro Experimental". **A Nação**, Blumenau, ano 11, n. 461, p. 3, 11 jul. 1956.

COMPANHIA Dramatica Franceza. **Fon-Fon**, Rio de Janeiro, ano 34, n. 32, p. 13, 1 jun. 1940.

CONTRÔLE Geral: "Vida e Fantasia". **A Noite**, Rio de Janeiro, ano. 43, n. 15011, 25 nov. 1955. 2º Caderno, p. 3.

CORRÊA, Roberto Alvim. Páginas do meu diário. **Para Todos**, Rio de Janeiro/São Paulo, ano 1, n. 15/16, p. 6, 2ª quinzena dez. 1956 - 1ª quinzena jan. 1957.

COSTA, Wellington Júnio. A voz humana de Jean Cocteau: traduções e adaptações. *In*: NOGUEIRA-PRETTI, Luciana Persice (org.). **Literaturas francófonas VI: debates interdisciplinares comparatistas**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2022. p. 696-711.

COSTA, Wellington Júnio. **Presenças de Cocteau na imprensa brasileira: mais de 100 anos controversos de história**. 2024. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

CUNHA, Wilson. Feio e inútil. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 33, n. 1712, p. 74, 9 fev. 1985.

D'ARAÚJO, Lilian. Clássico de Jean Cocteau com pitadas caboclas. **Jornal do Commercio**, Manaus, n. 39009, p. 17, 5 fev. 2004.

DUARTE, Bandeira. Jean Cocteau no Brasil. **Diario da Noite**, Rio de Janeiro, ano 19, nº 4249, p. 6, 13 mar. 1947a.

DUARTE, Bandeira. Um prefacio de Cocteau. **Diario da Noite,** Rio de Janeiro, ano 19, n. 4250, p. 5, 15 mar. 1947b.

DULCINA Odilon... **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, ano 49, n. 210, p. 24, 6 set. 1939.

ELISABETH, Clara. Musa do cinema novo no teatro. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, ano 43, n. 12922, 26 jun. 1992. Tribuna Bis, p. 6.

EM CARTAZ. Teatro. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, ano 40, n. 12477, 31 mar.-1 abr. 1990. Tribuna Bis, p. 5.

ESPETÁCULO: “O Belo Indiferente”, com Joselma Luchini. **Portal Belo Horizonte**, Belo Horizonte, n.d.. Disponível em https://portalbelohorizonte.com.br/eventos/espetaculo/artes-cenicas/espetaculo-o-belo-indiferente-com-joselma-luchini. Acesso em 01 dez. 2025.

ESTREIA dos Artistas Unidos. **Jornal do Dia**, Porto Alegre, ano 3, n. 820, p. 5, 15 out. 1949.

EXPOSIÇÃO. Jean Cocteau e Rainer Werner Fassbinder. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, ano 112, n. 108, 25 jul. 2002. Caderno B, p. 6.

FESTIVAL de arte. **Jornal do Dia**, Porto Alegre, ano 16, n. 4703, p. 7, 20 out. 1962.

FONSECA, Martins da. O “Pecado original” que não é “pecado”... Jean Cocteau, num espetáculo de expressão. **Carioca**, Rio de Janeiro, n. 602, p. 34-35, 63, 17 abr. 1947.

FORA do palco. Saiba que... **Ultima Hora**, Rio de Janeiro, ano VI, n. 1535, 23 jun. 1956. 2º Caderno, p. 3.

GENTE que é Manchete: Leila a bela diferente. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 15, n. 805, p. 139, 23 set. 1967.

GLAUCE Rocha vai ser ouvida na Festa dos Estados. **O Estado de Mato Grosso**, Cuiabá, ano 36, n. 7108, p. 1, 27 jun. 1975.

GOUVEIA, Graça. O Belo Indiferente. No centenário de Cocteau, uma razão para lembrar a grande Edith Piaf. **Diario de Pernambuco**, Recife, ano 164, n. 292, 27 out. 1989. Seção B, p. 1.

GUIMARÃES, Eduardo. Brasil: País multilíngue. *Ciência e Cultura*. São Paulo: SBPC, n. 2, v. 57, p. 22-23, abr.-jun. 2005. Disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000200014. Acesso em 18 nov. 2025.

HECKER FILHO, Paulo (org.). **Peças breves e deliciosas**. Trad. Paulo Hecker Filho. Porto Alegre: Tchê, 1987.

HECKER FILHO, Paulo. Um inquérito. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, ano 8, n. 1964, 16-17 jun. 1956. Caderno 2, p. 6.

HOJE, a inauguração. Teatro Brasileiro de Comedia. **Diaro da Noite**, São Paulo, ano 24, n. 7316, p. 18, 11 out. 1948.

INTERPRETES para peças e não peças para interpretes. **Ultima Hora**, Rio de Janeiro, ano 4, n. 1107, 10 fev. 1955. 2º Caderno, p. 2.

JAFA, Van. Homens de papel & outros. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, ano 67, n. 22896, 24 nov. 1967b. 2º Caderno, p. 2.

JAFA, Van. Teatro. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, ano 67, n. 22851, 1 out. 1967a. 5º Caderno, p. 3.

JEAN Cocteau em “Vitrine”. **O Jornal**, Rio de Janeiro, ano 37, n. 11487, 16 fev. 1958. TV, p. 2.

JEAN Cocteau e Sartre no Teatro Guaira. **Diario da Tarde**, Curitiba, ano 63, n. 20488, p. 5, 18 nov. 1961.

JEAN Cocteau novamente. **Diario da Noite**, São Paulo, ano 36, n. 11236, p. 4, 11 set. 1961.

JORNAL da sociedade. **O Combate**, S. Luís, n. 6953, p. 3, 13 ago. 1957.

LUIZ, Macksen. Entreato. Cocteau na Broadway. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, ano 105, n. 4, 12 abr. 1995b. Caderno B, p. 6.

LUIZ, Macksen. Entreato. Contracena. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, ano 105, n. 39, 17 maio 1995a. Caderno B, p. 6.

MACHADO, Ney; PENEDO, Raul. Bastidores. **Carioca**, Rio de Janeiro, ano 15, n. 796, p. 38-39, 4 jan. 1951.

MAG. "A voz humana". **Diario de Noticias**, Rio de Janeiro, ano 14, n. 6625, p. 8, 30 maio 1944.

MAGNO, Paschoal Carlos. "O pecado original", no Regina. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, ano 46, n. 16066, p. 11, 21 mar. 1947.

MODESTO, Paquito. Close-up de Glauce Rocha. **Diario da Tarde**, Curitiba, ano 65, n. 20268, p. 5, 11 set. 1964.

MOLITERNO, Pedro. Morineau entre os grandes do teatro francês. **Carioca**, Rio de Janeiro, ano 15, n. 773, p. 12-13, 27 jul. 1950.

NATÁLIA Timberg inicia temporada amanhã com "O grito e o vazio". **Diario de Pernambuco**, Recife, ano 141, n. 233, p. 8, 12 out. 1966.

NATÁLIA Timberg interpretará hoje Jean Cocteau no Guaira. **Ultima Hora**, Curitiba, ano 2, n. 425, p. 2, 15 out. 1962.

NETTO, Accioly. Teatro no Rio. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 25, n. 37, p. 17, 27 junho 1953.

NOTAS de arte. "O Belo Indiferente" hoje no Teatro S. Pedro. **Jornal do Dia**, Porto Alegre, ano 17, n. 4350, p. 7, 21 abr. 1963.

NOTICIARIO do Festival da Juventude. **Imprensa Popular**, Rio de Janeiro, ano 4, n. 689, p. 4, 15 maio 1951.

NOTICIAS teatrais. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, ano 23, n. 7254, p. 2, 23 abr. 1953.

NOTICIAS teatrais. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, ano 20, n. 6373, p. 2, 3 jun. 1950.

"O BELO Indiferente" de graça na Praça Onze. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, ano 61, n. 19912, p. 9, 18 out. 1992.

O MUNDO marcha. **Revista da Semana**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 5, 29 mar. 1947.

"O PECADO Original" hoje no Teatro AIP. **Ultima Hora**, Recife, ano 1, n. 199, p. 2, 8 jan. 1963.

PANORAMA do teatro. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, ano 76, n. 128, 3 jun. 1966. Cad. B, p. 6.

PAQUETÁ vai ver números de ballet, peças de teatro e óperas no Festival de Arte. **O Jornal**, Rio de Janeiro, ano 40, n. 12475, p. 8, 7 jan. 1962.

PRESTES, Estela. Carrossel. **O Fluminense**, Niterói, ano 112, n. 26554, 15 fev. 1990. Classificados, p. 7.

PROGRAME-SE. Teatro. **A Tribuna**, Santos, ano 112, n. 162, 3 set. 2006. Caderno D, p. 1.

PROVIDÊNCIAS para festejar aniversário do Teatro. **Diario de Natal**, Natal, ano 23, n. 6824, p. 2, 26 jan. 1963.

REGISTRO. Jean Cocteau. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, ano 123, n. 205, p. 7, 2 jun. 1950.

RENATA, Liliana. O "Show" de tôda gente. **Luta Democrática**, Rio de Janeiro, ano 13, n. 3979, p. 7, 28 jan. 1967.

RICARDO, José. Encontro Vesperal. **Diario de Natal**, Natal, ano 21, n. 6412, p. 3, 29 set. 1960.

ROBERTO, Sérgio. Cidade Nua. **Revista da Semana**, Rio de Janeiro, ano 57, n. 51, p. 50, 22 dez. 1956.

R. V. M. Teatro: Amadores da A.P.C.E**. O Jornal**, Rio de Janeiro, ano 33, n. 9934, p. 7, 20 set. 1952.

SALLES, Milton. Som & Imagem. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, ano 33, n. 10516, p. 13, 25 ago. 1963.

SÁ, Pedro. A menina que soube ser fiel à vocação. **Alterosa**, Belo Horizonte, ano 11, n. 109, p. 36-41, maio 1949.

SCHENKER, Daniel. A atualidade de Jean Cocteau. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, ano 185, n. 224, 24-25-26 ago. 2012. Caderno C, p. 4.

SEVERO, Cristine Gorski. Unesco e a educação multilíngue: revisões e problematizações. *Travessias Interativas*, São Cristóvão, n. 22, v. 10, p. 295-312, jul.-dez. 2020. Disponível em https://periodicos.ufs.br/Travessias/article/view/15331/11573. Acesso em 18 nov. 2025.

SILVA, Mario Julio. "A voz humana". **Jornal de Noticias**, São Paulo, ano 5, n. 1366, p. 5, 5 out. 1950.

SILVA, Shakespeare da. "O pecado original" com os Artistas Unidos, no Teatro Regina. **A Manhã**, Rio de Janeiro, ano 11, n. 99, p. 2, 22 mar. 1947.

TEATRO de Bôlso. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, ano 8, n. 2103, 30 nov. 1956. Caderno 2, p. 5.

TEATRO Municipal. Grande Companhia Italiana Emma Grammatica. **Correio Paulistano**, São Paulo ano 94, n. 28009, p. 12, 27 jul. 1947.

TEATROS e Cinemas. Teatro Santa Isabel. **Jornal Pequeno**, Recife, n. 58, p. 2, 15 mar. 1949.

TEATROS. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, ano 21, n. 6653, p. 10, 6 maio 1951.

TEATRO. Últimos dias. O Belo Indiferente. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, ano 107, n. 17, 25 abr. 1997. Programa, p. 36.

TELEVISÃO. **Diario da Noite**, S. Paulo, ano 26, n. 8000, p. 1, 17 jan. 1951.

ÚLTIMAS récitas de 'O Atentado". **Diario de Pernambuco**, Recife, ano 128, n. 178, p. 8, 9 ago. 1953.

UM TEXTO de Cocteau, amanhã no Masp. **Cidade de Santos**, Santos, ano 17, n. 5943, p. 19, 11 jan. 1984.

UNINDO o teatro á cultura. **Revista da Semana**, Rio de Janeiro, ano 42, n. 21, p. 6, 24 maio 1941.

VERDADEIRAS obras primas da literatura. Como o sr. Jorge de Lima responde ao Ministro Capanema. **Diario de Noticias**, Rio de Janeiro, ano 8, n. 3139, p. 7, 14 mar. 1937.

VINCENT, Claude. Teatro. Presença de Cocteau. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 255, p. 7, 24 out. 1950.

YANKO. Dentro de mágica ilusão... **Gazeta de Noticias**, Rio de Janeiro, ano 72, n. 56, p. 6, 9 mar. 1947.

Data de submissão: 02/12/2025
Data de aprovação: 15/12/2025